



Gaiato

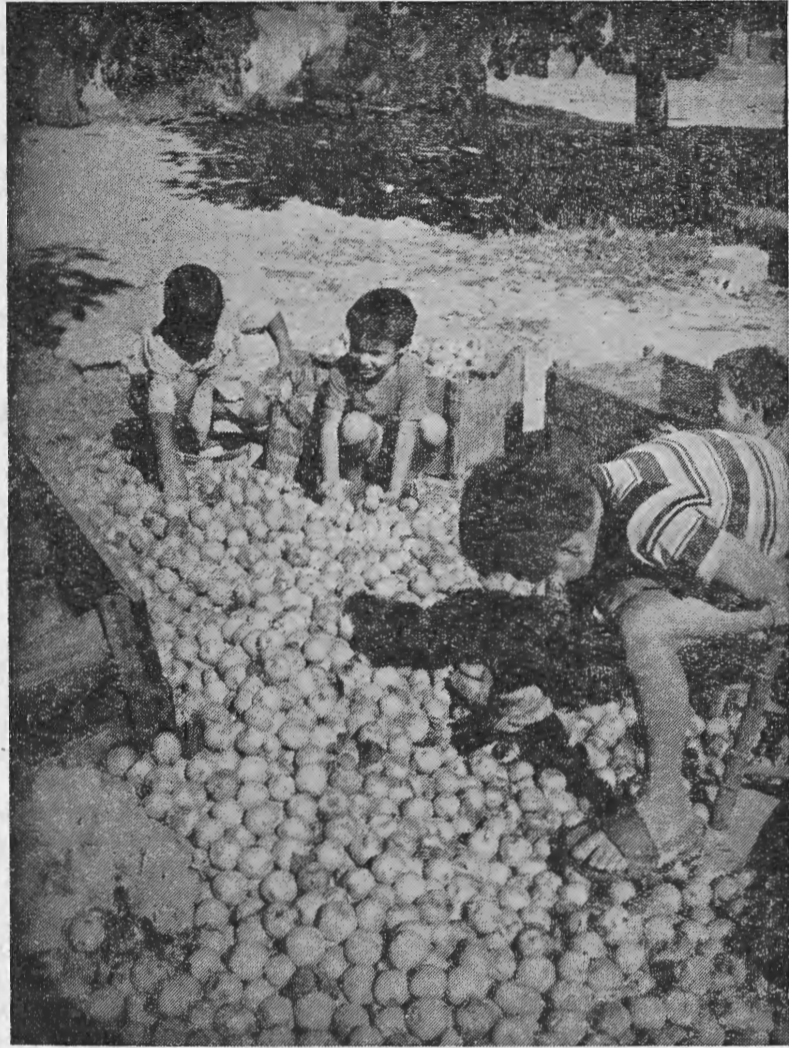
AVENÇA

Quinzenário * 9 de Outubro de 1976 * Ano XXXIII — N.º 850 — Preço

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Director: Padre



Casa do Gaiato de Lisboa. Quadro feliz. Eles e as maçãs. Um trabalho doce! Olhem para a cara do Óscar.

Setúbal

Em Agosto foi tempo de pedir. Tarefa custosa, acrescida sempre ao intenso trabalho da semana, que não podemos evitar. Não é só a necessidade de procurar o pão-de-cada-dia, é também a de anunciar os Pobres, denunciar os males sociais que são causa directa da existência das Casas do Gaiato e focar sobre eles a luz do Evangelho. Ai de nós se nos calássemos!

Fizemos dois grupos com os Rapazes. Nas praias da Rocha, Albufeira, Portimão, Armação de Pera e Vila Real de Santo António, apresentámo-nos ousadamente aos cristãos que neste tempo enchem os templos em assembleias litúrgicas verdadeiras. As nossas palavras, apesar da dureza própria, pelas atitudes passivas que denunciam e até pelas feridas que provocam, tiveram razoável acolhimento material. O que não quer dizer que seja a sua dimensão adequada. Mal de nós se andássemos à busca de dinheiro. Sentem-se, na maioria das pessoas, uma frieza briste relativamente

a uma resposta de maior âmbito cristão. As notas tiradas do bolso, mesmo generosamente, não podem significar acção; antes pelo contrário, contracção a atitudes interiores, mais necessárias, se não mesmo, mais justas e urgentes. Substituir dinheiro por acções de amplo proveito social, implica disponibilidade interior a que é fácil fugir. Ninguém se quer obrigar. Só o apregoar bem alto o Evangelho e a consequente abertura de cada um à Fé pode lograr mudança.

Há muitas crianças abandonadas, ou em perigo moral, no

Algarve. Há deles e sen- houve em todas as nossas Casas. Insistiram connosco em Albufeira para ali mesmo abrímos Casa. O problema já não é

No primeiro domingo, Padre Acílio foi chamado, a acudir a três pequeninos. Uma situação a clamar justiça e a espica- as pessoas de bons sentimentos, mas só à superfície. Ninguém é capaz de dar a mão. Uma mãe com quatro filhos: a mais velha de catorze e três rapazes até aos seis. Vivem debaixo de uma acácia, ali mesmo dentro do casario e a praia. Os miúdos completamente nus, esqueléticos, a cabeça cheia de feridas e piolhos. A mãe, de calção curto e justo ao corpo, maço de cigarros na cinta, uma profissional, na exibição de corpo à

Cont. na 4.ª p.

INTERROGAÇÃO INQUIETANTE

Vem aí o novo ano escolar. Com ele renova-se a interrogação inquietante: o que e como vai ser. Após prolongada «férias», que tudo conduziram à anarquia e ao caos, a maioria dos portugueses aguarda com angustiante expectativa o futuro e pergunta-se se é chegada a hora de satisfazer os seus anseios com escolas a funcionar em pleno, dentro dum saudável pluralismo que não seja inibitório de uma opção livre e consciente e que os valores fundamentais perfilhados correspondam à maneira de ser e de sentir, no respeito por uma História milenar, a aproximar-se dos oito séculos e meio.

Importa, antes de mais, impedir que uma minoria activamente estrategicamente instalada nos postos-chave, nos venha imputar ou atribuir aquilo que não desejamos e que repugna ao grosso da população do País, a começar pelas famílias, pelos alunos e até, pelos professores. É que «o Ensino não pode ser cego a vultores, não pode aparecer ideologicamente sectário, nem pode o tratamento discriminatório aos fenómenos que, na óptica ideológica ou religiosa de quem concebeu programas, textos de apoio e outros instrumentos pedagógicos, se apresentem como indecifráveis» (Conf. Episcopal).

Em segundo lugar há que restabelecer a calma dentro toda a estrutura escolar, no respeito pelas leis, impedindo os chamados «poderes paralelos», muito pródigos em violências de carácter psicológico e doutros tipos junto dos sectores docentes e discentes. Sem um clima de autêntica liberdade e de paz todas as boas intenções se gorarão. Não pode, pois, faltar a quem governa mão firme e decidida, sobretudo ante as provocações dos dislates desagregantes, venham donde vierem, pois, sem disciplina e ordem, não pode haver quem ensine e quem aprenda.

A promoção cultural do Povo, por outro lado, não podem ser feita discriminatoriamente, exige que os seus fautores sejam escolhidos segundo critérios de competência, incompatíveis com golpes ou oportunismos inconfessáveis. Assim, é de crucial importância, o regresso aos seus lugares dos docentes indevidamente removidos ou dos reabilitados e o afastamento dos «sábios parquedistas» entrados pela «porta do cavalo», muitas das vezes recrutados por meros méritos(?) político-partidários, embora muito respeitáveis. É igualmente imperioso que ninguém seja impedido de frequentar qualquer estabelecimento de Ensino por motivo que não sejam os que as leis possam prever nos seus articulados.

Continua na TERCEIRA página

O nosso jornal

NAS muitas confusões que se geram nesta «desorganização organizada» a propósito de assinaturas do Jornal ou da Editorial, não raro a simplicidade confiante dos Leitores tem a sua parte de culpa. São uns que anunciam a satisfação da sua avença e efectivamente a satisfazem tempo depois. Outros, ao contrário, mandam valores e só mais tarde, às vezes semanas, enviam carta com o anúncio do destino da importância. Dada a quantidade de correspondência que todos os dias aí chega e a fragilidade do corpo administrativo, é fácil de compreender como este desfasamento produz equívocos e falhas nos respectivos lançamentos. Há os que mandam vales ou cheques em seu nome, mas é outro, geralmente um familiar, o assinante, sem que a destriça seja suficientemente esclarecida. Há também quem nos envie importâncias expressamente como donativo, mas guardando implícito no seu pensamento que seriam para liquidação dos seus débitos. Para obviar este inconveniente, nós adoptámos o sistema de liquidar com estas remessas tudo o que haja por liquidar, mas na verdade não foi ainda há muito que assim decidimos. Outros ainda, para realizarem o pagamento do jornal ou de livros, mandam vale para cada rubrica, o que lhes fica muito dispen-

dioso. E alguns, agora bastantes, para evitarem esquecimentos ou desvio das quantias do seu fim, pedem a cobrança anual, o que também implica, às taxas actuais, um dispêndio grande que seria dispensável.

Ora, desde há pouco, foi criado um tipo de vales do correio, muito jeitosos e práticos, que têm no verso um espaço para as pessoas escreverem pequena mensagem. Para todos aqueles que usam o vale, este resolve agora, com maior economia de tempo e de dinheiro, todo o problema. Basta endereçar-nos o vale com a indicação correcta do remetente (o nome exacto em que recebem nossas publicações e, se possível, o número de assinante, e morada actual) e declarar no verso a distribuição que desejam para a respectiva importância.

Ótima forma de pagamento é o cheque. Mais económica, porque em carta e basta que acompanhada de indicação certa do assinante e do fim a que se destina. É ótima porque o aviso de recepção tem-no o assinante, quando, conferido o seu extracto bancário, lá encontra o respectivo cheque levantado.

Tanto cheques como vales, bom é que sejam endereçados à Casa do Gaiato, ou a O GAIA-

Continua na TERCEIRA pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

VINDIMA — Como em tantos outros lados, também em nossa Casa teve lugar a vindima.

A nossa vindima! Começamos pelo branco. Todos, ou melhor, quase todos lá andam com objectos cortantes, ajudando.

O Serafim é o visor. Sempre atento e desconfiado lá anda vigiando tudo e todos.

O tempo é que nos estragou um pouco a colheita.

O branco já está colhido. Entretanto, aguardamos o tinto; e parece-me que vamos ter boa colheita.

ENSILAGEM — Acabámos de ensilar uma parte do nosso milho, para alimentação do gado.

Com a máquina de moer sempre a ralar e com o Serafim, mais uma vez, a visar, acabou-se num abrir e fechar de olhos.

No Inverno, as nossas vacas terão que comer, quando chover.

VISITA — Já é costume todos os anos.

Pois é, temos connosco o senhor Harry.

Holandês e uma vez que conhece a nossa Obra, aproveita para passar uns dias connosco.

Gostamos muito da sua companhia, principalmente das suas brincadeiras.

Um obrigado, em nome de todos ao senhor Harry.

ESTUDOS — Este ano temos uma turma de rapazes candidatos a irem estudar para Penafiel, à noite. Ora, vai ser um pouco difícil, visto ser de noite, mas como tudo requer esforço e boa vontade, lá nos desbrascaremos.

Boa sorte para nós!

«Marcelino»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

VALE A PENA — Entre os trabalhadores da Comunicação Social, conscientemente devotados à solução das carências e injustiças de que os Pobres são vítimas, não falta quem se interroga, com razão: — Vale a pena escrever?!...

Vale sempre a pena, sim senhor, quando somos veículo dos que não têm voz. E são muitos. Os mais sacrificados do nosso País.

Esta pequena nota vem a propósito de um caso, aqui relatado, que suscitou a rápida intervenção da Assistente Social de uma Caixa de Previdência. Assim mesmo, com letras maiúsculas.

Além de esclarecer o problema ou medidas de emergência, porque encara a sua profissão ainda como um sacerdócio, ela mesma se prontifica a analisar o caso (os casos) in loco, a fim de solucionar mais eficazmente o que estiver em suas mãos e na complexidade burocrática dos Serviços.

Assim, vale a pena pôr os pontos nos ii! E reconhecemos, uma vez

mais, com inteira justiça — é o caso — que, em diversas repartições, há gente qualificada e ávida de um Mundo Melhor para os Pobres mais pobres do nosso País.

PARTILHA — Aqui vai nota de quanto recebemos durante um mês: A abrir, «Uma Assinante de Paranhos» com 500\$00. Mais 20\$00 dos Amigos de D. António Barroso, que nunca faltam. Cinco vezes mais de Gaspar, radicado na Alemanha. O mesmo de Vilar Formoso. Mais 500\$00, de um vale de 1.000\$00, destinados ao nossos Pobres «para tapar algum buraco». São da Assinante 25205, de Aveiro. Mais 100\$00 de Estremoz. Assinante 12322, com 250\$00. Outros 100\$00 «para os Pobres, por alma de meu Marido e minha Mãe». Mais 20\$00 de algures, iguais a sangue tirado às veias! Exactamente, são de uma Pobre crucificada. Anónima com 500\$00 «para uma primeira urgência dos vossos Pobres. Quando puder seguirá mais uma migalha». Assinante 33661 com o remanescente das assinaturas do Jornal e da Editorial. Mais 250\$00, «pequena lembrança em homenagem ao meu querido Pai». De Seia, 100\$00. O mesmo de Lisboa, rua Capitão Henrique Galvão. Idem, da rua da Saudade. Velho Amigo, do Porto, com 60\$00 «para o segundo semestre, pedindo desculpa do atraso». Ó delicadeza! Mais 500\$00 da Assinante 13519, do Porto. «Zé Ninguém» com 50\$00; e acrescenta: «é pouco, muito pouco mesmo, mas é com o coração que enviamos». E com o coração retribuimos. Assinante 2811, 1.000\$

«no aniversário do falecimento de meu Marido». Tantos sufrágios cristãos! No Espelho da Moda, mais 100\$00, de alguém, «para os Pobres». O mesmo de Médico amigo, de algures. O dobro da Assinante 27756, de Lisboa. Mais um remanescente de contas com O GAIATO, de senhora muito amiga, ora em Santa Cruz do Douro. Outros 100\$00, «migalhinha habitual», da Assinante 11162, do Porto. Coimbra, 250\$00, da rua Humberto Delgado. retribuimos o forte abraço e a partilha do Assinante 8120, do Rio de Janeiro. Mais um cresto para ajudar algum dos muitos Irmãos em necessidade», proveniente da Covilhã. Senhora muito amiga, ora em Oliveira do Bairro, 100\$00. E mais 150\$00 de Costa de Castelo. Em vale de correio, 100\$00 de um Anónimo lisboeta. O dobro entregue no Lar do Porto, da Assi-

nante 19177. Assinante do Seixal: «Já de Lisboa, envio 1.000\$00 para a Conferência, partilha do meu salário para os que tendo trabalhado duramente não recebem, agora, o que por Direito lhes pertenciam». Traz sempre uma Mensagem oportuna! Mais 100\$00 de Lisboa. E, por fim, 500\$00 de Oliveira do Douro, para serem aplicados «da maneira que lhes aprouver; e, como de costume, agradeço o anonimato. Quero pedir uma oração pelas intenções do Papa. Que Deus Nosso Senhor Lhe atenuar os sofrimentos e desperte em nós a vontade de sermos melhores». Que bem! Muito obrigados.

Júlio Mendes

Setúbal

MISÉRIA À VISTA — Tenho atravessado muitas vezes um dos túneis que dão acesso ao Metropolitan. Sempre encontro ali sentada no chão uma criança mal trajada, raquítica, cuja idade é difícil dizer. Ao seu colo, um pequeno fardo. É outra criança! Pede a mais velha: «Deixe-me alguma coisinha»...

Miséria à vista. Sociedade apodrecida por via da indiferença, do egoísmo dos bem-instalados. Portas abertas para outra miséria: a prostituição chama esta e outras raparigas que na pedincha, ou por aqui e por ali, vendem pensos ou outras bugangas.

Criadas na rua, sempre famintas do amor que nós não damos ao atirar-lhes uns tostões.

Ele há teses em defesa dos mais farrapoques que por causa disto ou daquilo ficam no colorido dos exames. Outras, lançadas em bonitos discursos, morrem no meio de tantos aplausos. Ninguém olha... Ninguém quer ver. O fruto vem mais tarde.

Temos medo que, com tantas mudanças, tantas promessas, tornem a ficar esquecidos os mais necessitados, os mais oprimidos, os mais carecidos de alimentação, de educação, de assistência humanamente imprescindível. Não há quem defenda; tudo faz vista grossa. Nascidos nos farrapos, vão crescendo neles num constante sofrer de privações.

Eu sei que há assistentes sociais que quase não fazem nada, olhando ainda prós papéis nos gabinetes. Nós acreditamos que há-de haver alguém que se proponha vir prá rua. Nós acreditamos que há-de haver alguma «Marta da Fonte», algum deputado sincero que brade por estes casos que nos não deixam dormir, pela responsabilidade que sentimos.

DOIS AMORES — Puxados por outros, vieram até minha casa dois pequeninos que eu ainda não conhecia. São eles o Paulinho e o Carlinhos. São dois dos três amores que sr. Pe. Acílio trouxe numa das suas idas ao Algarve.

Mãe anormal. Nove filhos. Eu tenho dito tão mal da sociedade que tenho medo de discriminar aqui tamanha miséria.

VISITAS — João «Bonanza» saiu de nós há uma temporada. Ele é

de Valongo. Veio até nós matar saudades.

O Teixeira, que mora nos arredores de Lisboa e é empregado dos telefones, sempre que pode vem até cá conviver.

O Aníbal, que foi o meu primeiro carpinteiro e também anda embarcado na Marinha, também cá esteve e deixou-nos alguma alegria, pelos que vão e não tomam. Outros têm aparecido a matar saudades e a contar das suas canseiras e ansiedades. Eles vão marcosados por tudo o que receberam.

LAVOURA — A malta tem andado na apanha do tomate que depois vendemos à fábrica. Já a plantação foi feita por eles. Agora vêem o fruto das suas canseiras. Deus queira que eles dêem fé do valor do trabalho. Outros têm saído e dizem do seu valor.

Ernesto Pinto

Miranda do Corvo

OBRAS — Iniciámos mais uma construção. Desta vez é um salão de Festas, pois as salas de jogos que possuímos já são pequenas. Actualmente temos duas salas onde os Rapazes podem passar os seus tempos livres. Uma é ocupada pela mesa de ping-pong e tem também um armário com alguns livros e juntamente um rádio.

A Escola Primária também já funcionou aqui, nesta pequena sala.

A segunda sala é composta pelo bar, bilhar e televisão.

Antes de termos estas salas, os Rapazes passavam os recreios de Inverno um pouco apertados nos corredores, pois o espaço coberto para tempos livres era pequeno.

Uns constroem para os outros; é assim a norma das nossas Casas.

Esperamos e fazemos votos para que o novo salão venha ajudar os Rapazes a passar melhor os tempos livres.

LIMPEZA — As férias são temas para se pensar, e fazer tudo e mais alguma coisa.

Há trabalhos que nós cá em Casa procuramos fazer no tempo de férias. Há muita gente livre, e os próprios trabalhos (alguns) são por natureza delicados e por tal exigem gente que os faça de boa vontade. É o caso da restauração que andamos a fazer às nossas janelas exteriores. O seu estado era desagradável. Algumas já deixavam entrar água. A intempérie danificou-as muito.

Deram muito trabalho, mas ficámos bastante contentes ao ouvirmos alguns Rapazes a dizer assim: «Agora, sim! Já não parecem as mesmas».

VINDIMA — A vindima é um trabalho que todos nós, cá em Casa, gostamos de fazer. Dizem até que, nesse dia, as barrigas não têm fundo. A nossa está feita. Pelo que ouvi dizer, é dos anos que temos mais vinho, tanto morangueiro como nacional.

O Martins é que se tem ocupado dele. O mosto já está empipado.



Eis o Quim, filho do falecido Joaquim de Sousa da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

A aguardente está quase feita. O Abílio é que a faz. Diz ele que é muito boa.

Enfim, muito trabalho, mas todo ele recompensado.

Nicolau

ANIVERSARIOS — As festas de anos são sempre festejadas com muita alegria e com muito amor, principalmente quando elas são realizadas entre famílias grandes, como a nossa.

Em nossa Casa era o «Tó» que até há algum tempo atrás gostava de fazer anos quando lhe apetecia. Pediu muitas vezes ao sr. Pe. Horácio, se no dia tal... podia fazer anos. Ele é que marcava a data e tudo.

Com muita paciência lhe dissemos que só se podia fazer anos uma vez no ano e essa data não era ele que a marcava nem escolhia.

O «Tó», apesar de não compreender isto, tinha razão em gostar de fazer anos mais do que uma vez no ano; e a razão é muito simples, apesar de parecer anedótica.

Todos nós sabemos como são as festas de aniversário. Eu entendo que há duas espécies de festas e ambas se fundamentam no mesmo. Uma são repletas de prendas, de muitos mimos, de convidados, de música, etc., etc.

Outras, talvez tenham apenas o indispensável para serem festas...

As nossas não serão como as primeiras citadas, mas... são de certeza como as segundas. Elas são vividas e festejadas com tudo o que achamos que alegre e encha aquele vazio que muitos trazem para nossa Casa.

Eu recordo os dois últimos que fizeram anos no sábado e domingo. Foram eles o Valério e o Borges. O primeiro é «Batatinha», o segundo é já um «batata» mais crescido.

Os primeiros a saber que eles faziam anos, foram os do dormitório deles; e, de seguida, aqueles que são companheiros de mesa, no refeitório.

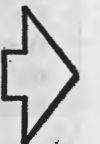
Depois o sr. Pe. Horácio é consultado, pois é ele que dá as prendas.

A noite, no refeitório, há guloseimas e parabéns cantados.

Todos ficam muito contentes por fazer anos. Talvez porque só agora alguns saibam que podem fazer



Carlos Alexandre, filho do Júlio da Silva, de Malanje.



Auto- Construção

Trazia um filho nos braços. Um amor de criança! Vinha algo envergonhada. A gente vê logo na aragem. Não são precisos cursos de psicologia.

Ela tem razão. Se pedir para os outros custa, quanto mais no próprio interesse! Muito mais penoso quando se perora aquilo mesmo que deveria ser um direito fácil (já consagrada na Lei) e que ainda é só letra para a maioria dos Pobres.

— Comprámos um bocado de terreno p'ra construir uma casa — assim principia a Mulher.

— Quantos metros?

— Não sei bem; talvez uns trezentos ou quinhentos. Fica no lugar de... Tem muita água!...

anos. Talvez porque só agora tiveram uma festa que eles dizem sua.

Aqui está a justificação da razão do «Tó», que tanto gostava de fazer anos quando lhe apetecia. Mas, agora, com paciência, o «Tó» só faz anos uma vez por ano.

MANUEL ANTÓNIO — O nosso Manuel António (ex-«Pretito») vai deixar-nos, na qualidade de chefe. Chegou a hora de ele ir cumprir o serviço militar.

O «Toninho», como ele gostava de ser tratado, veio para nossa Casa quando era menino dos seus 5 anos.

Na carpintaria começou a sua carreira profissional. Ao mesmo tempo era vendedor de O GAIATO nas terras da Beira e na sua terra natal. Abro aqui um parêntese para relatar o grande acontecimento que surgiu nesta altura.

A música era o seu sonho. Ter uma viola era a concretização desse sonho. Como prenda de anos e prémio por ser vendedor do nosso jornal, recebeu uma viola. Este foi o grande acontecimento, pois ia ter a dita viola.

Ainda me lembro do primeiro dia em que ele pegou no instrumento como uma coisa sua. Ele cantava, ele tocava, fazia trinta por uma linha. Nos primeiros tempos nem havia letra que coubesse nas músicas dele.

Depois começou a descobrir que na viola havia músicas iguais às cantigas que ele conhecia.

Hoje toca muito bem. Ouvi eu dizer a alguém com muita graça: «Ele e a viola são dois grandes companheiros. Nunca pensei que se pudesse passar momentos tão alegres com ele a cantar e a sanfona a tocar».

Mas continuando. Entretanto o Manuel António quis estudar. Deixa a carpintaria e vai para Coimbra. Aqui, frequenta parte do 3.º ano Liceal. Parou com os estudos e veio outra vez para a carpintaria. Ao mesmo tempo que se aperfeiçoava na arte, era escolhido para chefe-maioral da nossa Casa de Miranda do Corvo.

Como chefe, procurou sempre cumprir a sua missão o melhor que podia.

Chegou a hora de partir. As últimas palavras que recebeu de todos nós foram de gratidão e confiança: «Que continue a ser sempre o mesmo bom rapaz, como o tem sido até agora».

Zé Domingos

— A beira da estrada teria ficado muito caro?!

— Não senhor! Foram somente vinte contos.

Boa transacção. Sabemos os preços do mercado, nestas bandas.

— Queríamos fazer um prédio de dois andares (rés-do-chão e primeiro andar). Mas... quem nos dera fazer um, pra já!...

— Ó Mulher!, não esteja envergonhada.

— Quería ver se nos ajudavam.

— Contem connosco, logo que a moradia tenha armação.

— Ai que bom!

— A gente não faz favor nenhum. Cumprimos uma obrigação. E, quem dera!, todo o mundo desse fé do vosso heroísmo. A empreitada vai ser difícil!...

— Já é... O meu home trabalha numa fábrica de cobre. Ganha à volta de seis contos.

— Líquidos?

— Sim senhor. Durante o ano ganhámos pró terreno. Q'ando a gente, ò menos, tiver aonde se possa abrigar, q'ando tivermos a nossa casa, serei uma Mulher feliz!

A juventude e a força indómita desta Mulher é uma lição.

Ao longo do nosso curto diálogo transformou o semblante. É a nossa missão.

Vinha amachucada pela mentalidade da caridadezinha. Regressou motivada pela Justiça. Assim mesmo, em caixa alta.

A juventude e a força indómita deste casal, repetimos, é uma lição. Sobretudo para os responsáveis do sector da Habitação, que a deveriam receber com humildade.

O NOSSO JORNAL

Cont. da 1.ª pág.

TO, ou à Editorial da Casa do Gaiato — melhor do que em qualquer nome próprio.

As pessoas que pagam directamente no Espelho da Moda ou no Lar do Porto, ou quando vêm de visita, se recomenda que peçam sempre o recibo. É que assim eles têm a confirmação do pagamento. E na cópia que nos fica, fica o apontamento do que depois será contabilizado na administração de O GAIATO e da Editorial. É uma segurança para elas e para nós.

Também será de evitar as entregas para assinatura ou livros, aos nossos vendedores do jornal nas terras aonde eles vão. É que há sempre o risco de eles perderem a nota dos assinantes, ou de confundirem a entrega com um donativo que irá aparecer como acréscimo da venda dos jornais; e também, porque não dizê-lo, o perigo de uma tentação para os Rapazes que, pelo menos a

Ainda ontem ouvimos, uma vez mais, boas notícias transmitidas a empresários da Construção Civil. Mas o que a gente não há meio de ouvir é, ao menos, o anúncio de acções concretas em benefício da Auto-Construção rural. É pena. Faz-nos sangrar a alma! A nós que, tantas vezes, sofremos a descrição de rosários espinhosos que são tremenda acusação ao quase total desinteresse a que são votadas estas iniciativas discretas, mais vulgares a norte do que a sul do País.

É uma omissão. Assim mesmo, sem demagogia, com espírito construtivo — já que os planos em curso se destinam à habitação social e à compra de habitações.

Não percebemos nada de Economia. Mas testemunhámos no concreto, por a+b, como, na actual conjuntura, a lógica ordenação do planeamento seria uma acção concertada englobando a Auto-Construção espontânea dos meios rurais. Até como imperativo de Justiça, consagrado na própria Constituição do País.

No actual relançamento, é mais fácil trilhar o caminho fácil. Mas não faltariam por aí técnicos já sensibilizados que, sem manipulações ideológicas, poderiam dar importância à concretização de um plano nacional de apoio efectivo à Auto-Construção; respeitando, é evidente, a sua espontaneidade, as suas características próprias e até mesmo os problemas específicos dos Auto-Construtores. Não falando, para já, de como os resultados se reflectiriam, a curto ou médio prazos, na solução das carências habitacionais das cintururas urbanas — para onde muitos emigram, por falta de estímulo na sua terra.

Júlio Mendes

INTERROGAÇÃO INQUIETANTE

Cont. da 1.ª pág.

A extensão da promoção cultural não pode fazer-se, segundo pensamos, à custa da degradação da qualidade do Ensino. Esta exige professores que ensinem e estudantes que estudem. Os critérios de avaliação, por outro lado, não podem ficar à mercê dos preguiçosos ou dos desonestos e não devem ser os ignorantes nas matérias ou nos assuntos a estudar a ter a petulância de estabelecer os programas. Professores incompetentes ou alunos que não querem aproveitar não devem ter lugar nas escolas. O dinheiro gasto e os interesses do País assim o exigem. Os estabelecimentos escolares não podem, de maneira nenhuma, ser antros de quem não se quer valorizar ou filhos de revolucionários profis-

sionais que se encobrem com capa de estudantes. Que ninguém, todavia, com capacidade e com vontade, fique possibilitado de se cultivar, jam quais forem as condições sociais e materiais, oriundo de aldeia mais sertaneja ou de meios urbanos. Os pseudostudentes, porém, devem ser excluídos, já que são eles próprios a excluir-se. É de mera justiça.

Aguardemos esperança que se vislumbrem horas mais promissoras para o Ensino Portugal. Algumas das medidas ultimamente tornadas públicas parecem confirmar essa esperança, pois que, «é no respeito pelas opções livres de cada um e no serviço generoso do bem-comum que se constrói, na verdade e na solidariedade a sociedade de amanhã» (C.C.). E já não é sem tempo que as escolas funcionem efectivamente em Portugal.

RETALHOS DE VIDA

O José Fernando

Caros leitores:
Vou procurar contar-vos em poucas palavras aquilo que sei da minha vida.

Sou natural da freguesia de Fonte Arcada, perto de Paço de Sousa. Aí vivi até à idade de 10 anos com os meus pais e mais três irmãos.

Os tempos eram difíceis, mas, graças ao trabalho incessante de meu pai, na sua oficina de carpinteiro, nós pudemos contar sempre com o pão e, assim, nunca passar fome. Minha mãe ajudava-o e ao mesmo tempo tratava da lide caseira.

Porém, o meu pai era vítima de ataques, com muita frequência. Um dia fui encontrá-lo, na sua oficina, a contorcer-se com dores. Minha mãe, com a ajuda de alguns vizinhos, meteu-o na cama. Depois disso deixou de falar, de se mover e de comer. Vinte e quatro horas depois, estava morto.

E eis a minha mãe sem saber que fazer, com quatro filhos para sustentar. Nos tempos imediatos fomos vivendo do pouco dinheiro que meu pai deixara.

Foi então que minha mãe, com a ajuda do Pároco de Fonte Arcada, me conseguiu arranjar lugar na Casa do Gaiato. A irmã mais velha foi para um colégio em Penafiel e uma outra passou a viver com os padrinhos.

Eu, depois de uma estadia de três meses na Casa de Miranda do Corvo, segui para o Tojal, onde me encontro. Já cá estou há oito anos. Estou contente com o ambiente e com a camaradagem.

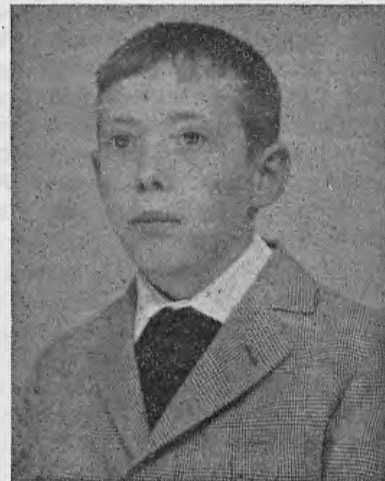
Nunca esqueci minha mãe e, inclusivé, já a fui visitar duas vezes.

Ando a estudar. Estou no 2.º ano do Curso Unificado. Farei o possível para aproveitar esta oportunidade de me instruir, pois, hoje em dia, os estudos são muito necessários.

Também faço parte do grupo de Rapazes que vende O GAIATO em Lisboa. É uma maneira de ser útil à Casa e travar conhecimento e amizade com diversas pessoas.

A terminar, quero enviar cumprimentos aos Amigos das Companhias onde vendo o jornal e também a todos vós, caros leitores.

José Fernando da Silva



Padre Carlos

O «Pão dos Pobres»

A quarta reedição do «PÃO DOS POBRES» continua a ser muito procurada pelos nossos Leitores. Têm sido uns correios fartos, graças a Deus. E, assiduamente, chegam também muitos postais RSF nos quais a maior parte solicita outras obras da nossa Editorial.

Ninguém melhor do que o Leitor — repetimos — para dar uma opinião sobre o «PÃO DOS POBRES».

Coimbra:

«Recebi o livro «Pão dos Pobres», de Padre Américo, que agradeço.

Já tenho uma edição do mesmo mas fico sempre encantada com a sua prosa que tanto me comove, tal é a força do seu poder de penetração. Comovo-me até às lágrimas com estes gritos de alarme que vêm do fundo do seu coração. Conhecia-o e via-o pelas ruas de Coimbra; mas, nessa época, era eu ainda nova, sem saber nada do mundo e do que se passava à minha volta...»

Carcavelos:

«Ainda não tive tempo para ler o «Pão dos Pobres», porque não é para ler de qualquer maneira. E eu ainda não tive tempo sossegado para o ler, como se fora o Evangelho.

Junto envio a importância de X para ajuda da sua edição visto que estes livros não têm preço. São escritos com o coração e assim terão que ser lidos e meditados...»

Lisboa:

«Agradeço o «Pão dos Pobres».

Junto envio o postal-resposta com o pedido de novos volumes. Embora já os tenha, vou utilizá-los para a sala de espera do meu consultório e queria ficar em casa com outros para meu uso pessoal...»

Mais Lisboa:

«Recebi o «Pão dos Pobres» — 1.º volume — 4.ª edição, que agradeço.

Se bem que ainda não o tenha recebido há muito tempo, já o li todo, muito embora devagar (os escritos de Padre Américo são para se ler sem pressas).

O que li, não só neste mas também noutros livros que fazem parte da minha colecção, confirma o estilo característico do Autor: cada palavra representa mais acção do que pensamento. É a coerência das pessoas coerentes.

Foi Padre Américo quando orientou a Sopa dos Pobres, em Coimbra; foi-o quando organizou as Colónias de Campo, poucos anos após a sua ordenação sacerdotal; voltou a sê-lo — e de que maneira! — quando, em 1940, fundou a primeira Casa do Gaiato, em Miranda do Corvo; quando, em 1951, funda o Património dos Pobres, que tão largas repercussões teve por todo o País.

A sua presença física já não

se pôde verificar aquando do início do funcionamento do CALVÁRIO, que seria a obra da sua «última inspiração»; mas o seu espírito paira sobre todos aqueles que, sentindo essa mesma «inspiração», não quiseram deixar de levar por diante a ideia tão profundamente humana...»

Eis uma pequena amostra do

TRIBUNA DE COIMBRA

Hoje foi domingo. Depois de encontro à volta do Altar, foi o resto da manhã para reunião com os mais velhos e a tarde toda para diálogo com alguns.

Foi um dia cheiinho. Cheguei ao fim cansado, mas muito feliz. Cada vez mais convicto de que não há rapazes maus. O que pode acontecer é estarmos alheios às suas vidas. Vidas inquietas. Vidas a rebentar. Vidas a querer vida.

Falámos de coisas muito variadas, mas todas elas da nossa vida: O Zé Tonito, que acabou a tropa (parte dela como desertor) e foi dado como in-

Setúbal

Cont. da 1.ª pág.

era ocasional. As senhoras que apresentaram o caso, nunca o tinham visto de perto, nem lá queriam ir com Padre Acílio. Falhas de coragem, contavam que logo a situação ficasse resolvida. É fácil denunciar; mais ainda falar. Mas arregaçar as mangas, tomar aquela mulher e mãe por uma irmã e os filhos como seus, como se aquele pecado lhes queimasse no sangue, é muito difícil. Sobretudo quando se pensa que as Casas do Gaiato ou outras no género é que têm obrigação, e a solução dos problemas se resume a tirar à mãe os seus filhos. Por menos capaz que ela seja, são os seus filhos e nunca ela deixará de ser para eles a mãe.

Padre Acílio só os aceitou na condição de as senhoras lavarem os pequenos, tratarem-lhes as feridas e, vestidos, os levarem a Albufeira no domingo seguinte. É verdade que o fizeram. É verdade também que aqui em Casa encontraram nos nossos rapazes um acolhimento muito quente. Nos primeiros dias, até o mais velhinho, já de nove anos, andava ao colo de todos. A quem se afeiçoaram mais, foi ao «Tanganho», nosso cozinheiro, que a todas as horas lhes dá mimos.

Mas fica uma ferida muito profunda em aberto. Na nossa sociedade que proclamamos livre, quem liberta aquela mulher e sua filha da escravatura e lhe restitue a sua dignidade de mulher e mãe?

interesse e da amizade dos nossos Leitores.

Concretamente, ainda não sabemos o livro que se vai seguir. Talvez o segundo volume do «DOCTRINA».

Verdade seja, há bastante material de Pai Américo para ser devidamente compilado! Não falando, já, de uma obra de muita responsabilidade que tarda, e faz muita falta, pela sua oportunidade: o esboço biográfico. Quantas pessoas ávidas pelo testemunho de vida de Pai Américo?!

Júlio Mendes

Ano Escolar

Aproxima-se o início de mais um Ano Escolar, que todos desejaríamos decorresse em maior ordem e de uma forma mais eficiente do que nos anos anteriores.

Cabe aos professores dos diversos graus de Ensino uma missão preponderante na formação dos homens e mulheres de amanhã; e a responsabilidade daí inerente está fora de qualquer discussão.

A época de profundas mudanças sociais que temos vivido tem trazido grandes problemas no aspecto do Ensino, com sérias consequências para a preparação dos alunos. Há pois necessidade de que todos aqueles que estão ligados a este ramo se dêem conta da gravidade de um Ensino mal conduzido.

A Escola é um dos lugares-chaves da formação humana; e da formação dos homens de amanhã depende o futuro de todos nós. O seu ambiente influi na personalidade dos alunos... e não é só olhando os erros do passado que se evitam nossos erros, até porque a liberdade e a democracia são formas de vida muito mais difíceis de viver, e nelas o exemplo tem uma força, porventura maior que num sistema autoritário.

É bom que no ar das nossas Escolas se respire a alegria e a liberdade, mas que elas não deixem de cumprir os seus deveres essenciais de formação daqueles que as frequentam.

Tem sido extremamente grande o número de alunos sem professores nomeados para as cadeiras que dizem respeito aos anos que frequentam, ou com professores nomeados, mas que faltam aos seus deveres, não se preparando para as aulas ou faltando a elas constantemente. E se alguns professores cumprem o seu trabalho com entusiasmo, procurando dar o melhor de si próprios; e se nalgumas Escolas se vive um são ambiente de camaradagem sem deixarem de ser eficientes, o que se passa de errado nos outros casos não poderá ser esquecido... E deverá ser corrigido a todo o custo.

Os sonhos de uma vida melhor que têm enchido o ser de muitos portugueses, seria bom que viessem a ser realizados, mas nunca o serão se cada um não ocupar seriamente o lugar em que foi colocado na sociedade.

Padre Horácio

Padre Abel



Gaiato

PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

VISITANTES

São de sempre estas experiências saborosas do óbulo da viúva e graças a Deus que amiúde se repetem a alimentarem-nos na Fé!

Uma: Trabalhadora humilde com sinais visíveis da doença que a vai consumindo e que tantas dificuldades encontrou na obtenção da reforma. Agora que as venceu, af vem com as primícias do que recebeu, que ela chama de «pouquinho» e é, mas eu acho imenso para as possibilidades de quem dá. A esta lembrança maior não faltou o contrapeso habitual de migalhas poupadas ao seu direito: um transporte, uma sobremesa, qualquer pequenino regalo que ela entende dispensável... Puxou da caixita metálica onde guarda o seu tesouro e despejou nas nossas mãos pecadoras.

Tantas vezes o dinheiro é factor de corrupção! Naquela hora foi-o de purificação.

Outra: Uma senhora idosa, de lenço na cabeça. Veio de Espinho. Aproveitou boleia de pessoa amiga que lhe deu o gosto de a trazer aqui. Modestamente, como modesta ela é, deixou em nossas mãos um sobrescrito com 6.700\$00.

Outra ainda: Também de idade. Preocupada com a formação de padres que não de-

ir pegando no facho quando os nossos braços já não puderem mais. Deixou vinte contos.

Claro que não é de com que os formar, o cerne do problema. Este reside nos ouvidos moucos de tantos a quem Deus chamará, ou no olhar para trás dos que chegaram a pôr a mão no arado.

O nosso Quim de Malanje fez o Liceu e depois de ter aulas um ano e de ter sido durante anos um cireneu admirável para o nosso Pe. Telmo, frequenta agora o Seminário escrupuloso pelas despesas que o seu caminho implica. Que ele encontre aqui um bálsamo às suas preocupações e um estímulo para vencer, com todo o potencial da sua provada generosidade, os obstáculos que não há-de faltar.

Outro, ainda: Trabalhador rural, analfabeto, pai de oito filhos, admirador da Obra, vem com a sua assinatura. E pede o «Pão dos Pobres» para meus filhos lerem e eu ouvir.

Simplicidade, clareza, amor sem equívocos! Que a sua bênção de Pai, que a bênção de todos estes justos que nos visitam nos cubram e ajudem a apagar a multidão dos nossos defeitos.

Padre Carlos

Padre José Maria